

## A LUTA INTERNACIONAL CONTRA O CAPITALISMO

# O proletariado português perante a greve inglesa

**A Confederação Geral do Trabalho manifesta o seu apoio ao operariado britânico em greve, exprimindo assim o entusiasmo que a atitude enérgica e altiva daqueles camaradas provocou nas massas operárias do nosso país**

**A C. G. T. espera que as classes marítimas, que pela sua situação melhor e mais directa solidariedade podem prestar aos esforçados operários em luta, se manifestem e accionem com a mesma decisão dos marítimos de vários países estrangeiros**

Todo o mundo operário tem neste momento os seus olhos postos ansiosamente na formidável greve dos trabalhadores ingleses. A luta dura há mais de uma semana e, longe de afrouxar como pretende a imprensa burguesa, intensifica-se.

O número de grevistas era, no começo da luta, de cerca de três e meio milhões; hoje ascende a perto de cinco milhões. É formidável. É como a população de Portugal, incluindo mulheres, velhos e crianças, o número de grevistas, o número de lutadores esforçados que, neste momento, em Inglaterra, unidos por fortes laços de solidariedade, animados pela mesma esperança na vitória, mantêm um combate que pode apressar em muitos anos a vitória que ao operariado de todo o mundo está reservada para o coroamento da sua guerra ao capital.

A luta é tão grande, reveste um aspecto de tanta importância que à sua decisão se encontram ligados os interesses de todo o globo. Quando no coração do maior império capitalista da actualidade se trava um tão grande combate entre a opressão e a liberdade, entre o Capital e o Trabalho, os interesses da burguesia e do proletariado de todo o globo estão em jogo. Se o proletariado inglês vencer — vence o proletariado de todo o mundo; se a burguesia, representada pelo governo britânico, triunfar — triunfa a burguesia mundial. E neste último caso mais um atraso de anos se verificará na marcha do operariado universal para a sua emancipação.

Assim o está compreendendo o povo trabalhador de vários países da Europa, motivo por que age no sentido de auxiliar os trabalhadores ingleses na conquista da vitória.

O momento não é, pois, para hesitar. Ou se caminha — ou se morre. Ou se apoia moral e materialmente os trabalhadores ingleses para que

eles triunfem ou se contribui com uma atitude inerte e desoladora para um fracasso que é o fracasso de todo o mundo trabalhador.

A União dos Sindicatos Operários da Dinamarca acaba de declarar a greve geral por solidariedade com os operários ingleses. A greve geral inglesa provoca uma greve geral na Dinamarca. É admirável a atitude dos dinamarqueses. Representa um espírito de solidariedade, de compreensão da situação social dos trabalhadores e do valor do auxílio mútuo que tornam bem fundadas as esperanças de todos os que acreditam na ascensão da humanidade a uma sociedade nova.

O operariado russo, que é constituído por milhões de trabalhadores, está dando a quarta parte dos seus salários para os trabalhadores ingleses. Os trabalhadores dos portos belgas não trabalham para os navios que se destinam a Inglaterra.

E os apoios morais entusiásticos surgem da França, da Austrália, da Alemanha, de todo o mundo, aguardando talvez o momento oportuno para se transformarem num formidável apoio material, grevistas em todo o globo.

O princípio da greve geral internacional que a burguesia, sorrindo, afirma ser uma utopia dos sociólogos, começa a ter viabilidade. O exemplo da Dinamarca operária é o primeiro passo, grande passo para a realização desse princípio desdenhado pelo capitalismo e pelos pessimistas.

Os governos de todos os países estão preocupados com a energia dos trabalhadores em greve. Eles sentem já pelos transtornos materiais produzidos em vários países quanto grandioso é o valor do trabalho humano que só tem sabido desrespeitar.

O proletariado português não podia tampouco ficar indiferente perante um acontecimento internacional de tão extraordinária importância.

Os trabalhadores portugueses seguem ansiosos as fases do conflito; vêem com entusiasmo aumentar de dia para dia o número dos grevistas; verificam com alegria e assombro que o povo trabalhador dos restantes países apoia moral e materialmente os seus camaradas ingleses.

O entusiasmo do proletariado reflectiu-se anteontem no Conselho Confederal da C. G. T., onde o operariado português tem a sua representação. O aludido Conselho aprovou por unanimidade a moção que ontem publicamos e cujas conclusões são as seguintes:

1.º *Saúdar todos trabalhadores ingleses que tão altivamente souberam responder às pretendidas prepotências do capitalismo explorador.*

2.º *Exortar os nossos camaradas ingleses a prosseguirem na luta até à vitória formal das suas justas aspirações, para o que podem contar com toda a solidariedade moral e material que os trabalhadores portugueses lhes possam prestar.*

3.º *Chamar a atenção de todos os trabalhadores, especialmente de Transportes e Tráfego Marítimo, para se manterem vigilantes, a fim de evitar por todos os meios ao seu alcance a vitória do capitalismo inglês que se repercutiria internacionalmente.*

4.º *Enviar cópia deste documento às Trade-Unions, fazendo ardentes votos pela rápida revolução emancipadora do proletariado inglês.*

Esta moção está no ánimo de todos os operários conscientes do país. A cada um cumpre, pois, dar-lhe execução com entusiasmo. Os trabalhadores marítimos e dos portos, principalmente, devem esforçar-se por boicotar os navios ingleses, não carregando mercadorias nem carvão, nem conduzindo navios portugueses para os portos britânicos.

Os trabalhadores ingleses têm a alma-las a esperança, a ânsia de vitória do proletariado do mundo inteiro.

## O MAIOR IMPÉRIO DO MUNDO ESTÁ ATEMORIZADO PELA AMEAÇA DE UMA REVOLUÇÃO

**Esperam-se graves acontecimentos por não se ter modificado a situação — O governo mobiliza todos os seus recursos — Como se publicam jornais em Inglaterra**

Decorrida uma semana de greve, a situação apresentou-se na Inglaterra mais grave do que na primeira hora. E a perspectiva da segunda semana, que ora começou, apenas oferece à situação aspectos aterrores. Não só na história proletária, como na própria história social de todos os países, se regista acontecimento tão vasto como a actual greve geral inglesa.

A população, diremos melhor — visto que a força operária se considera agora a multidão — a maior parte da população não deixa de manifestar inquietudes acerca dos próximos acontecimentos. O governo não conseguiu ainda dominar a situação e para o fazer terá de exigir sabe-se lá quantos sacrifícios — e os sucessos da semana que acaba de correr prenunciam um agravamento sensível e, talvez, perigoso é que as autoridades se ocupam de preferência em assegurar comunicações e abastecimentos, no receio de que sucessivas desordens venham a deflagrar numa revolta irrepremissível.

Os Regent's Park e Victoria Park foram interditos ao público e inteiramente ocupados por tropas bastante numerosas, que acamparam como em ordem de batalha, enquanto a polícia vigia as diversas saídas. Os aviões voam incessantemente sobre Londres, vigiando as aglomerações. Os caminhões trazem os motores e os logares dos «chauffeurs» completamente defendidos com arame farpado. Automóveis blindados percorrem as ruas, despertando a curiosidade da multidão. As precauções vão ao extremo policial de se proibir aos empregados de agências de informações, que tenham de percorrer as ruas, o uso de quaisquer uniformes.

Os navios de guerra de pequena tonelagem andam ocupados no transporte de malas de correio, principalmente, para a Irlanda. O consumo de géneros foi restrito por ordem do governo. Os electricistas de Fulham e de Steeney declararam-se em greve, fazendo diminuir o fornecimento de luz naqueles dois bairros londrinos. E o clero, que nada sabe fazer nas ocasiões anormais, anda a pedir a Deus em missas pagas por burgueses que se sentem ameaçados pelo ambiente revolucionário.

As guardas a cavalo, com o seu uniforme de gala, que costumavam fazer sentinela em volta de White Hall, foram substituídas por forças de infantaria fardadas de kaki e armadas de espingardas. Operou-se igual substituição nas outras residências reais, junto das quais se postam forças militares como se estivessem em campanha.

**O pavor da eclosão de um movimento revolucionário**

Não foi possível uma transigência, uma solução que adiasse indefinidamente o choque das forças em antagonismo. De esperar se torna, pois, acontecimentos mais graves durante a segunda semana de greve. O governo continua apelando para todos os seus recursos. Mobiliza geralmente a polícia, dispondo-a de maneira a acudir aos lugares de tumultos.

E' incalculável o número exacto de gre-

vistas, mas as Trade-Unions baseiam o seu cálculo nas votações obtidas, que elevam o número de operários em luta até sete por cento da população.

Os bons conselhos dos chefes e deputados trabalhistas não impressionam a multidão; a maior parte dela persiste no protesto violento.

Entretanto, a inquietação vai dominando os espíritos. Os hotéis vêm fugir-lhes os seus hóspedes, os grandes armazéns têm uma clientela diminuída e até os empregados estão abandonando os seus lugares.

Pregusta-se ansiosamente quanto tempo perdurará esta situação. E só os optimistas respondem ser uma questão de dinheiro. Mas, em cada fim de semana, mais operários abandonam o trabalho, e operários há que, tendo abandonado o trabalho nas suas indústrias onde a greve tenha sido proclamada, vão oferecer os seus serviços às indústrias que, por indicação dos Trade-Unions, ainda laboram. Assim se fortifica e se mantém a resistência operária.

A opinião de um grande número de pessoas manifesta-se pela impossibilidade de manter a luta por muito tempo, porque isso seria atirar a Inglaterra para uma jornada revolucionária.

O medo à revolução confunde toda a sociedade. O governo faz constantes apelos à Nação, queixando-se sempre dos Trade-Unions, sem deixar de lhe atribuir toda a responsabilidade. E vai à insensatez de aconselhar os trabalhadores a regressar às oficinas e às fábricas, como os grandes movimentos, como a greve geral pudessem ser determinados por uma vontade pessoal e antagónica.

O seu jornal, a triste *British Gazette* («Gazeta Britânica»), publica-se num formato reduzido e sem uma organização gráfica que torne atrante a sua leitura. Eis o que diz da greve:

«Organiza-se o esfomeamento do povo. Os dirigentes dos sindicatos de transportes e caminhões de ferro dão ordens. O governo toma medidas de protecção popular».

O jornal conservador *Observer* costumava publicar-se semanalmente com o mínimo de 24 páginas, ocupadas principalmente por assuntos políticos. Actualmente, porém, está-se publicando com um formato reduzido, 35 centímetros de altura por 24 de largura, impresso em caracteres semelhantes aos das máquinas de escrever.

O *Daily Express* também se publica em formato reduzidíssimo, limitando-se a platinólicas recordações de anteriores afirmações dos chefes trabalhistas.

Assim, vai o operariado afirmando a sua força, tão vasta que consegue ameaçar um grande império.

**A C. G. T. e aos marítimos portugueses**

foram dirigidos telegramas pedindo o boicote aos navios ingleses, mas o governo sustinou-os

De Amsterdão para a C. G. T. e Trabalhadores de Terra e Mar

portugueses foram expedidos telegramas apelando para os destinatários influírem no sentido de se fazer boicote à navegação inglesa.

Os telegramas foram expedidos em 8 do corrente.

Porém não chegaram ao seu destino porque a administração dos Correios e Telégrafos, onde pontifica o António Maria, permite-se, contra todos os direitos, contra todas as leis, não entregar os telegramas aos seus destinatários.

Apesar dos telegramas terem sido abusiva e criminosamente sustados, os trabalhadores portugueses não deixarão de tomar conhecimento do seu conteúdo, porque «A Batalha» o divulga — protestando ao mesmo tempo contra o abuso. Os telegramas aludidos são assinados por «Instrop».

Ficam portanto por este meio avisadas as classes marítimas do telegrama que a Federação Internacional dos Transportes lhes dirige e que a administração dos Correios criminosamente sustou.

**«Boycottage» aos navios ingleses**

OSLO, 11. — A União dos Transportes proclama a «boycottage» aos navios ingleses em todos os portos da Noruega. — (H).

**Um comboio atacado**

LONDRES, 11. — No momento em que o comboio vindo de Londres atravessava uma ponte foram feitos muitos tiros contra o maquinista e o foguista, ninguém sendo, porém, atingido. — (H).

**O apoio internacional**

MOSCÓVIA, 11. — A Terceira Internacional e a I. S. V. propuseram aos comités executivos da Segunda Internacional e da Federação Sindical Internacional (Amsterdão), a organização duma campanha comum de assistência aos operários ingleses, tendo sido encarregada de efectivar esta iniciativa uma delegação formada pelos srs. Taelman (Alemanha), Semard e Monmousseau (França), Dogadov (Rússia) e Hlekka (Tchecoslováquia). — (H).

**Uma opinião de Zinovieff**

PARIS, 11. — Zinovieff declarou numa entrevista concedida a um redactor de «L'Humanité» que a presente greve geral britá-

nica é o símbolo do movimento de emancipação dos trabalhadores de todo o mundo, e que nenhum facto demonstra que as ideias comunistas e o espírito revolucionário estejam tomando desenvolvimento na Inglaterra. — (L).

**Navios retidos por grevistas**

ANVERS, 11. — Grande número de navios carregados e despachados não pôde partir por as tripulações se terem recusado a isso sem receber ordens de Londres. No porto de Gand, os efeitos da greve inglesa começam a sentir-se. Entre os trabalhadores das docas há agitação, reclamando um aumento de salário compatível ao custo da vida. — (H).

**Os amarelos não apressam o fim da greve**

LONDRES, 11. — Os inconvenientes dos serviços de transportes dos primeiros dias da greve diminuíram consideravelmente pelo número de voluntários alistados e pelo dos grevistas que se têm apresentado ao trabalho. Embora o seu número seja muito limitado em relação ao dos grevistas, e não represente a terminação da greve, os serviços prestados por estes homens são de considerável valor nos serviços técnicos marítimos, de energia eléctrica e de sinalização dos caminhos de ferro. Os atentados contra os transportes só em limitadíssimas proporções têm ocorrido, sendo facilmente dominados pela polícia, que em caso algum se viu obrigada a fazer uso das armas de fogo. Os dirigentes dos sindicatos continuam incessantemente a recomendar aos seus filiados que não originem distúrbios, limitando-se, em geral, a actividades de alguns extremistas a espalhar boatos, tais como insubordinação da força pública, próxima declaração da greve pelos empregados dos correios e suspensão de pagamentos pelos bancos. — (L).

**A famosa normalidade**

LONDRES, 11. — Num bairro ao norte de Londres a polícia teve de intervir para dispersar os grevistas que se opunham à passagem de transportes. Houve grande tumulto, tendo sido feitas dezolito prisões. — (H).

**A situação agrava-se**

MANCHESTER, 11. — Encerraram ontem as suas portas cinco fábricas desta cidade, obrigando assim o seu pessoal a engrossar o número dos grevistas. — (L).

**Resposta a uma atitude**

MOSCÓVIA, 11. — Em consequência da recusa dos «trade-unions» britânicos em aceitar o auxílio financeiro dos sindicatos soviéticos, estes deliberaram entregar a respectiva soma ao conselho geral e continuar na recolha de subscrições que irão engrossar o fundo especial colocado à disposição dos primeiros. — (L).

**Pela imprensa**

LONDRES, 11. — Os jornais de Londres continuam sendo muito restritos e alguns com formatos improvisados. Nas províncias, porém, alguns deles apresentam já o seu aspecto habitual, mas as ruas de Londres, o novo desta manhã, nas ruas de Londres, os jornais de Yorkshire e de Southwales, segura indicação não só do restabelecimento da indústria gráfica como da melhoria dos serviços de comboios. O órgão oficial «British Gazette» está tendo uma tiragem de 250.000 exemplares na sua primeira edição, e no domingo à noite, de Newcastle ao sul da Inglaterra, foram distribuídos 1.100.000 exemplares. — (L).

## Os perseguidores dos ferroviários de Lourenço Marques recebam as consequências das suas negras acções

Lourenço Marques, 18 de Abril.

Foram de tanta justiça e são critério as medidas empregadas contra a população de Mocimboa e especialmente contra os ferroviários que, depois da morte do comissário de polícia, todos os que se envolvem neste labirinto da força contra o direito estão apressadamente tratando da sua retirada, receosos de que se cumpram as ameaças que a imprensa governamental se faz eco terem sido feitas a vários elementos categorizados.

Azevedo Coutinho, a título de ir tratar de negócios importantes para Mocimboa, retira por estes dias, não fazendo anunciar o dia da partida, com receio talvez do apuro a que está sujeito, pela parte da população.

Se Azevedo Coutinho tiver a dita de sair a horas mortas, hora a que a população esteja no melhor do seu sono; ou ainda se mandar guardar as embocaduras das ruas e se permitir a entrada aos que tenham convites especiais, livrar-se há dum vexame que a sua categoria de Alto Comissário buscado o desrespeito pelas liberdades e pela Constituição a que sujeitou uma população inteira; mas se pelo contrário, ele sair de dia e quiser sentir a opinião do povo que ele escravizou pela força das baionetas e dos amargos cárceres duma verdadeira «Traulândia», muito terá Coutinho que ouvir.

No dia 11, foi dada ordem ao pessoal de manobras que o comboio do correio que nestes dias parte de Lourenço Marques às 21,15, e costuma ser colocado na gare com duas e mais horas de antecedência, só ali fosse colocado às 20,30, não sabendo o pessoal descorriar o que envolvia tal determinação.

Não tardou que a explicação viesse, pois se apressaram os agentes superiores em ordenar à última hora, que fossem ao baracão das carruagens engatar uma carruagem que determinaram.

Quando o pessoal de manobras chegou, viu um número avultado de polícias armadas que guardavam a carruagem por dentro e por fora, e que estava de luzes apagadas.

Quando colocaram o comboio na gare, viram então, que dentro dela se encontrava o valoroso engenheiro Alfredo Augusto de Oliveira Cabral, chefe de Tracção e Oficinas e ex-apontador da célebre Exposição do Rio de Janeiro.

Com a antecedência de 30 minutos, partia da Estação Central uma zorra-automóvel, cheia de polícia, destinada a fazer o comboio da estação até à fronteira!

Este valente, que durante a greve ameaçou grevistas de pistola em punho, desceu à baixa cobardia de embarcar para a carruagem, onde devia viajar, por outro caminho que não fosse a gare dos Caminhos de Ferro.

Estou absolutamente convencido que as ameaças que dizem ter feito a altos funcionários é uma partida de Azevedo Coutinho para continuar por mais tempo no emprego da força e da violência, mas Oliveira Cabral, pelo sim pelo não, foi fugindo para o Transvaal, duma forma que não pode desmentir a sua grande cumplicidade em crimes que aqui se praticaram.

A sua fuga cobarde não pode deixar ver outra coisa aos que de facto queiram fazer justiça.

Avellar Ruas, que no princípio do conflito ferroviário pediu a sua demissão, vai entrar

## A moral da polícia pelas ruas da amargura

Murtinheira acusado de receber dinheiro da batota incumbido de sindicado o Xavier, reu do mesmo delito

E a polícia? Lá está, recebendo em pleno rosto as acusações mais vergonhosas sem que tal a incomode.

A imprensa continua a ocupar-se dela nestes termos que transcrevemos hoje do *Correio da Noite*:

«Tudo como dantes... A respeito do senhor chefe Xavier — a quem afinal estamos dando a celebridade que não merece — nada há, por enquanto, tendente a responsabilizá-lo pelos crimes de que é acusado.

Todos estão de cócoras perante a personalidade tão augusta desse «bom» republicano.

Roubou? Tentou assassinar?

Foi mandatário de vários crimes?

Que importa isso se chefe Xavier é, acima de tudo, um dos pilares deste desgraçadíssimo regime?

Ele favoreceu casas de tavolagem?

Recebeu indevidamente dinheiros para ministrar justiça de funil?

Que importa isso se chefe Xavier é dos bons, dos autênticos, daqueles a quem a república, nas suas horas amargas, encontrou sempre ensofados em lama e sangue, para a defender?

Chefe Xavier tem, como teve Augusto Gomes, e como tem quasi todos os criminosos, a protecção do governo, porque, mancomunados nas mesmas alforjas, todos eles são compadres e amigos.

E senão, aprecie-se a notícia dada por alguns jornais de que, para sindicado os actos de chefe Xavier, foi nomeado — depois das acusações que contra si na imprensa têm sido formuladas — chefe Murtinheira!

Sim, não podia ser outra pessoa nomeada para curar da moralidade de um Xavier senão um Murtinheira, que ainda há bem poucos dias foi acusado publicamente de ter recebido dinheiro das casas de batota

**Mais proezas do «Varino»**

Alguns moradores da Mouraria, como antigamente os do Bairro Alto, vieram procurar-nos para se queixarem das selvagensias que o célebre agente Varino pratica naquele bairro.

Sem razão plausível, apenas pelo prazer bárbaro de fazer mal, espanca, provoca, agride criaturas pacíficas, principalmente os operários que após o seu trabalho aguardam pacatamente a hora de se deitarem.

Como se vê, a polícia foi feita para manter... a desordem nas ruas e nos espíritos

**A conquista do Polo Norte**

BERLIM, 11. — Segundo comunicam de King's Bay, o tenente americano Byrd, que efectuou o voo ao polo norte, tenciona efectuar segunda vez a viagem que terminara agora nas terras de Alaska. — (L).

no gôso de 45 dias de licença para gosar no Transvaal, não sabendo nós se este mesmo funcionário tomara as mesmas precauções que o seu predilecto amigo e ex-apontador do Rio tomou, para se ausentar desta província.



## Os operários portugueses em França encontram-se abandonados devido à incúria do Estado

O sr. José Bragança, que residia durante muitos anos em França e conhece a situação dos operários portugueses naquele país, concedeu antontem ao jornal *A Tarde*, uma entrevista notável, da qual vamos recontar alguns períodos mais importantes:

Diz o sr. José Bragança: «Nós é que não temos nada organizado a favor dos nossos operários que a miséria obrigou a emigrar. Os consules em França tratam esses operários como tratariam qualquer capitalista em viligiatória. O operário paga, como aquele, os seus dois dólares pelo passaporte e quatro dólares e meio por um visto, para cada viagem em que se passe a fronteira.

Era preciso abolir isto, dar ao operário uma carteira de identidade, que lhe fosse atribuída gratuitamente, e que tivesse o valor dum passaporte. Mas bem vê que 45.000 operários a tirarem passaportes e a pagarem nove dólares por cada um é uma taxa recusa que os próprios interessados em que tal se não faça são os consules a cuja protecção eles estão confiados.

Outra razão de pouca atenção que se tem tido para com esses desgraçados é a da deficiente forma como está organizado o nosso Commissariado Geral de Emigração, que tem um critério exclusivamente policial e repressivo. Além disso há interesses criados à sombra das dificuldades que opõem ao emigrante. Há pessoas que se encarregam de obter passaportes, outras que facilitam a emigração clandestina e tudo isto rende muito dinheiro. Como pois terminar com tudo isto, havendo tantos interessados em que as coisas continuem assim?

Quando se estabeleceu a primeira corrente de emigração portuguesa para a França foi nomeado como procurador dos operários e para estabelecer negociações com o governo francês o sr. dr. Pinto de Lima. Foi demitido, com o governo de Sidónio Pais, sendo nomeado para o mesmo cargo o sr. engenheiro Saavedra, de quem João Chagas dizia que era um ótimo colaborador. Esse chegou a ter em negociações com o Ministério do Trabalho francês, uma convenção de trabalho que colocaria os operários portugueses no mesmo pé de igualdade que os outros.

Depois da queda do sidonismo esse cargo foi suprimido. As suas funções foram atribuídas aos consules. Mas é preciso não fazer a menor ideia do que é o serviço consular, para julgar que os consules se possam ocupar eficazmente dos interesses dos nossos operários. Eles tratam de receber o dinheiro dos passaportes e dos vistos, que é uma receita avultadíssima, e têm todo o interesse em que essa situação não se modifique. E' por isso que o projecto de convenção está a dormir há perto de três anos no Ministério dos Estrangeiros.

Quanto à protecção aos operários que os consules lhes prestem há a frisar o seguinte: os consules nunca se deslocam da sua sede. Conservam-se no seu escritório. Não vão aos centros fabris, que estão fora dos centros consulares.

Por isso o nosso operário vive agora em França desprotegido. Não tem assistência médica nem hospitalar gratuita, como têm os italianos e polacos. Se morrem dum acidente de trabalho, a família não recebe nada. Estão fora do estatuto geral do trabalho. Têm-se dado dezenas e dezenas de acidentes, não tendo nada obtido as famílias das vítimas.

«Quando o operário sai de Portugal opõem-lhe todas as dificuldades. O resultado é entregar-se aos engajadores de que lhe resulta aparecer em França indocumentado e sujeito a todas as dificuldades. Lá fora fica completamente abandonado de todo o auxílio do Estado português.

«Se o operário tem sorte e se emprega está bem; ganha dinheiro e é uma magnífica receita consular. Se não tem sorte ou se se desemprega morre de fome, desamparado, porque o consule não lhe dá nada verba e que estoure como um cão.

Acêrca deste assunto que conhece nas suas minudências vai o sr. José Bragança fazer a gentileza de publicar, a nosso pedido, na *Batalha* alguns artigos para completo esclarecimento dos leitores.

## O frio na Alemanha

BERLIM, 11.—Segundo notícias recebidas do centro da Alemanha toda a colheita de frutos está destruída pelas grandes geadas que têm caído. O frio continua prevalecendo em todo o país. —(L.)

## A viagem do "Norge"

OSLO, 11.—O explorador Amundsen partiu às 10 da manhã para o polo norte, a bordo do dirigível "Norge". —(L.)

## TEATRO DO GIMNÁSIO

Devido a súbita doença do actor H. DE ALBUQUERQUE foi adiada para sexta-feira a festa artística da ilustre actriz PALMIRA BASTOS, sendo o papel de Albuquerque feito pelo actor TEODORO DOS SANTOS.

## HOJE—O AZ

onde o actor SALES RIBEIRO vai substituir Albuquerque por gentileza do seu empresário ARMANDO VASCONCELOS

## Coliseu dos Recreios

A's 9 e meia  
Torneio Internacional de Luta  
Combates para hoje:  
YAGO contra KORNATZ  
estónio alemão  
GRIOU contra WEINURA  
português manchuriano  
SPEWAZECK contra DEBIE  
tcheco-slovaco letónio  
Grande sucesso das gentis artistas  
**LAS MORENITAS**  
Os Latinos—Pintor sem mãos

## DESPORTOS

### LUTA

#### Torneio no Coliseu dos Recreios

Uma das mais sensacionais reuniões do torneio internacional de luta que se está disputando no Coliseu dos Recreios é, sem dúvida, a que se realiza hoje ali, pois Yago vai defrontar um dos mais perigosos adversários que pode encontrar neste torneio, o formidável alemão Kornatz, que possui no seu «record» oficial o título de campeão da Alemanha e que é hoje um dos raros lutadores que existem capazes de sustentar combate com o campeão do mundo.

Manuel Grilo, vai ter hoje ocasião de mostrar até onde podem ir a sua força e a sua pericia. E' seu adversário Wilnura, o grande campeão manchuriano que possui um estilo maravilhoso e uma sciência completa da arte de lutar.

No programa figura, também, um encontro entre o forte letónio Delne e o violento tcheco Spewazek.

### CICLISMO

#### A «equipe» do Sport Lisboa e Benfica chegou ontem a Lisboa

Pouco depois das 18 horas, desciam ontem a Avenida, entrando na Praça dos Restauradores, os corredores ciclistas do S. L. B. Alfredo Piedade e Francisco S. Almeida, que, com João dos Santos Borges, se propõem a percorrer os 1.900 K. que separam Paris, capital da França, de Lisboa. Viagem difícil e bastante acidentada, devido ao tempo chuvoso e frio, principalmente na passagem dos Pirineus, forçou João S. Borges a desistir em Valladolid devido a um forte ataque de reumatismo que o impossibilitou de completar o percurso.

Em Lourdes concentrou-se um grande número de desportistas que para ali se dirigiram no propósito de os acompanhar até Lisboa, sendo imponente o cortejo que os seguiu até a Avenida, composto de dezenas de automóveis, bicicletas, etc.

A União Velocípica Portuguesa e o Sport Lisboa e Benfica também ali foram aguardar os corredores, acompanhando-os. Alguns milhares de pessoas aguardavam a passagem dos concorrentes no percurso, aclamando-os desde além do Lumiar até à Praça dos Restauradores. Aqui foi-lhes dispensada uma entusiástica saudação, sendo Alfredo da Piedade, o popular e conhecido estradista, levado aos ombros de muitos dos seus amigos, acompanhados de muito povo, até à sede da União Velocípica, na travessa de São Domingos.

Os corredores chegaram frescos, bem dispostos, sendo notada a sua forma lesta e vigorosa como, ao fim de tão dura prova, eles subiram a calçada de Cariche, dificilmente acompanhados pelos carros que os seguiam.

A prova foi feita dentro dos cálculos feitos na sua organização, como então publicamos simplesmente, a alteração na data da partida, primitivamente marcada para o dia 30 do mês passado, foi devido a isso mesmo dia lhes chegarem as máquinas que haviam estado retidas em Hendaya. A partida da Paris fez-se no dia 2 de Maio, levando dez dias a fazer o percurso, uma média diária de 200 quilómetros. Os «equipes» vêm encantados com a maneira carinhosa como foram recebidos e tratados em todos os «contrôles». Nalgumas terras de Espanha houve mesmo entusiasmo na recepção; uma vez em Portugal, notabilizou-se pelas prodigalidades que lhe foram dispensadas a população desportiva de Pinhel, Pombal e Leiria.

—Francisco dos Santos Almeida visitou, à noite, na redacção, para, por si e pelos seus companheiros de «equipe», Alfredo da Piedade e João S. Borges, saudar *A Batalha*, gentileza que nos sensibilibrou bastante, oferecendo-nos o ensejo de mais uma vez felicitar os valerosos estradistas portugueses pelo bom êxito da sua prova, saudando neles o velho clube S. L. B. que tão brilhantemente souberam representar.

Na sede do Rua Nova Foot-Ball Club, aos Olivais, realizou-se uma festa, no próximo domingo, pelas 14 horas. O seu produto é destinado a auxiliar os presos sociais que se encontram no forte de Monsanto.

Esta festa é promovida por uma comissão, composta por J. Aníbal Tavares, Custódio R. Ferreira, Raúl da Silva, António Alves e Domingos Lourenço.

## Um caso grave

Da cadeia do Limoeiro escreve-nos João da Costa, chegado marítimo, uma carta comovedora relatando um caso grave que decerto não é conhecido do director das Cadeias.

Encontra-se ali preso um pobre homem, quasi paralisado, de nome José da Silva Dias, pelo crime de andar esmolando em Oeiras.

Ora, que esse doente estivesse internado em qualquer estabelecimento de assistência pública compreendemos, mas que seja enviado para o Limoeiro—é um crime.

## Teatro Joaquim de Almeida

(Ao RATO)—Telefone N. 2703

## HOJE em 2 sessões

A revista em 2 actos e 9 quadros, original de *Uns e Outros*, música dos mestres Hugo Vidal e Raúl Portela

## Fox-Trot

NOS PRIMACIAIS PAPEIS:

Adelina Fernandes, Alvaro Pereira, Mari Laura, Alvaro de Almeida, Tereza Gomes e J. de Oliveira.

## TIVOLI

Telef. N. 5474

A's 9 horas

## Mais veloz que a morte

Super-produção em oito partes com HARRY PIEL

## FAZE BEM...

Cine-comédia em cinco partes com DOUGLAS MACLEAN

## Uma ciné farça

Uma revista cinematográfica

A'MANHÃ—«Matinée» às 3 horas

## Contra a intúria municipal

### Uma interessante iniciativa da Comissão Mista e de Propaganda do Alto do Pina

Lisboa está sendo positivamente colocada à margem da civilização e da vida pela Câmara Municipal. Motivos, o leitor conhece-os, tanto mais que bastas vezes nos temos referido à indiferença criminosa que as últimas vereações têm mostrado pela cidade.

Não deixam por isso de serem bastante curiosos e edificantes os resultados da visita a que louvavelmente procedeu a Comissão Mista e de Propaganda do Alto do Pina.

Tem-se falado bastante dos perigos que correm os moradores de prédios que não oferecem condições de segurança, mas a tragédia da travessa do Tarujó parece ter esquecido.

A comissão a que acima nos referimos encontrou em ruínas os seguintes prédios: n.º 308, 394 e 400 da estrada de Sacavém; letras J. M. D. A., da calçada da Picheleira; o prédio n.º 64 da rua Sebastião Saraiva Lima começou já a desmoronar-se, não oferecendo o seu escomento nenhuma condição de segurança.

Os n.ºs 143 da rua António Pedro e n.º 4 da rua Visconde de Santarém estão em completa ruína, oferecendo grande perigo. O mesmo se pode dizer do da rua Visconde de Santarém, 6. O prédio n.º 197 da Estrada de Sacavém, o n.º 75 da rua Barão de Sabrosa—quasi em ruína. O pátio da Ribaldeira e o antigo pátio do Pencudo têm dependências completamente arruinadas. O pátio, Vila Maria, do Caminho de Baixo da Penha carece de grandes e urgentes reparações.

Precisam também de ser urgentemente reparados os seguintes prédios:

N.º 165 a 187 da rua Barão de Sabrosa. Este nem sequer possui retretes. O n.º 136 da mesma rua. A Vila Marques. Os n.ºs 11, 13, 15 e 79 da rua António Luís Inácio. O n.º 185 da rua Alves Torgo, 185, 193 e 285 da estrada de Sacavém. N.º 39 do Caminho de Baixo da Penha. O Pátio da Picheleira. Letras A M M D da calçada da Picheleira e o pátio da Cruz, sito na mesma artéria. Pátio da Curraleira, 1, Vila Santos e pátio dos Mil Homens.

Pátios e vilas que se encontram sem iluminação: Vila Maria, Vila Santos, Vila Afre, pátio da Cruz e Vila Martins.

A Comissão Mista e de Propaganda do Alto do Pina vai realizar sessões no Alto do Pina, no Arieiro, Arroios e calçada da Picheleira onde serão largamente ventiladas as reclamações a apresentar à Câmara Municipal.

## Horário de trabalho

### Empregados no Comércio

Teve lugar ontem na rua do Paraíso a sexta sessão de propaganda associativa e de protesto contra o desrespeito do horário de trabalho, descanso semanal e o aviltante uso das carroças de mão, promovido pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria.

Presidiu Jorge Campêlo e secretariaram Edmundo Tavares e José Pinheiro.

Jorge Campêlo expõe os motivos da realização destas sessões e faz várias considerações tendentes a demonstrar a necessidade de nos organizarmos.

Conta a propósito uma frase do governador civil na entrevista realizada ontem em que o mesmo declarou que «uma classe que não sabe agir para que lhe sejam restituídas as suas regalias, não tem razão de existir».

Valadas Ramos, que pela primeira vez fez uso da palavra nestas sessões, disserta largamente sobre a função da classe na actual sociedade e na futura e aconselha a mesma a unir-se fortemente.

Mário Pinto explica as razões que motivaram a organização deste sindicato e afirma que neste momento já é o organismo da classe mais importante de Lisboa. Diz ser necessário conquistar as 8 horas por todos os processos ao alcance da classe.

António Alves, depois de ter feito considerações de ordem variada, aborda o uso das carroças de mão o qual trata com bastante proficiência.

Adelino de Sousa diz que o sindicato é uma grande família a qual todos os empregados no comércio devem pertencer. Deve-se respeitar as conquistas dos nossos antepassados e para os honrarmos devidamente teremos de continuar na vereda do progresso, pois que é a única forma de lhes prestarmos justiça.

Alude também ao uso das carroças de mão, escalpelizando com bastante vigor esta ignominia.

Faz uma excelente imagem da situação da nossa classe e conclui por tecer uma homenagem à classe dos empregados no comércio ingleses que secundou a greve geral que actualmente assola a Grã-Bretanha.

Manuel de Figueiredo constata com prazer o excelente resultado destas sessões e alonga-se em considerações sobre a missão do Sindicato.

O presidente, antes de encerrar a sessão, faz considerações de ordem filosófica e social e põe à aprovação a moção do Sindicato que nas sessões anteriores tem recebido a sanção da classe.

Realizou-se ontem uma demorada conferência entre o governador civil e os representantes do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria, sobre a fiscalização do horário de trabalho.

Ficou assente que a fiscalização começa imediatamente, ficando o governador civil de fornecer cartões aos representantes deste Sindicato para que os mesmos fiscalizem.

## SOCIEDADES DE RECREIO

S. R. Charnqueuse.—Realiza-se amanhã, pelas 14 horas, um pic-nic junto ao posto de Grafinil.

## Teatro da Trindade

HOJE repete-se a peça

que está obtendo grande êxito

Pregos populares

## A ORQUESTRA Sul-Americana

accedendo ao convite feito por ERICO BRAGA executar esta noite variedades

Canções brasileiras, Shimmies, Fox-Trots e Tangos

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### Festas artísticas

São já numerosíssimos os pedidos de bilhetes para a festa do distinto actor Rafael Marques, a qual se realizará no Apolo, a 21 do corrente, desempenhando ele, pela 1.ª vez, a parte do protagonista do «Otello», a colossal tragédia shakespeariana. Nessa peça os papéis de «Desdemona», Emilia, Cassio, Yago e Rodrigo, serão, respectivamente, desempenhados por Irene Gomes, Palmira Torres, Octávio Bramão, Abílio Alves e João Calazans.

### Notícias

E' depois de amanhã, no Apolo, a reaparição da interessantíssima peça «A Galdéria», em que Rafael Marques tem um papel de grande destaque, que interpreta brilhantemente. A parte feminina da peça está agora assim distribuída: «Zélio Vanquelin», Ofélia Brochado; «Luísa de Margenod», Palmira Torres; «Marion Genoveve», Beatriz Belmar; «A Colovia», Mercedes Celeste; «Amandina», Catalina Gimenez; «A sr.ª Arnaut», Elvira Velez; «Brigida», Elvira Costa; «Pequena Zele», Olinda Lopes.

—Esteira-se hoje no Chiado Terras o notável «film» espanhol extraído da conhecida zarzuela «Alegria do batalhão», com principal interpretação dos melhores artistas espanhóis. Completa o programa o «film» desportivo em 6 partes «Coisas da mocidade» por Reynald Gemy e uma comédia em 2 actos.

### Recêlames

Hoje e amanhã são no Apolo, as últimas representações da emocionantíssima peça «Os Milhões do Criminoso», em que o público tem ensejo de assistir ao incêndio dum fabrica, seguido do seu desmoronamento. Os espectadores do Apolo são a preços popularíssimos, o que ainda mais concorre para que tenham enorme afluência de público.

—Obteve um geral agrado o primoroso número «Las Morenitas» que ontem fez a sua estreia no Coliseu dos Recreios. As interessantes duetistas hispano-lusas alcançaram a simpatia do público não só pela sua formosura como pela sua voz de um timbre magnífico e agradável, satisfazendo por completo o seu admirável repertório. No programa artístico que ali se executa, indubitavelmente o melhor de Lisboa, figuram também os notáveis completistas «Os Latinos» e o assombroso «Pintor sem mãos» que todas as noites pinta rápida e magistralmente os mais belos e interessantes quadros a óleo.

—Se é certo que o público é quem cria sempre a reputação de uma peça, não é menos verdade que se «O Homem das 5 horas», a engrandíssima comédia de Hennequin e Weber, em scena no Trindade, não tivesse o notabilíssimo desempenho de intérpretes como Lucília Simões, Amélia Pereira, Irene Isidro, Erico Braga, Joaquim Almada, Samuel Dinis e Seixas Pereira e não constituisse o melhor e mais barato espectáculo de Portugal, com lotações exgotadas desde o seu início, o público não se encarrilharia para o Teatro da Trindade, pela forma como o faz todas as noites, certo de que não perderá o seu tempo nem o seu dinheiro. A orquestra sul-americana (brasileira) a rainha do «Jazz-Bands», fecha o espectáculo de todas as noites.

E' a seguinte a distribuição do novo quadro «Almocreve das Semhas» da revista «Foot-Ball»: «Aldrão», Carlos Leal, «Bonifácio», Alfredo Ruas, «António» Santos Carvalho, «Anica» Hortense Luz, «Rosa» Carminda Pereira.

## Novo aumento no açúcar

Recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor de *A Batalha*.—Vamos ter em breve um aumento no preço do açúcar, e nada menos de 80 centavos em quilo, isto se for aprovado nas camaras um projecto de lei que foi publicado do «Diário do Governo», de 29 de Março próximo passado, se não estou em erro. Isto vai num sino...

A fábrica Hornm em Alcantara já deixou de trabalhar à espera do aumentinho que os nossos governantes lhe estão a preparar as escondidas, para ver se pega, e nos armazens da Junqueira, têm tudo atulhado à espera da publicação da linda coisa.

O Sêculo de quinta e sexta-feira da semana passada já falou no assunto, mas alguém das forças económicas foi-lhe falar e ele ficou mudo.

O Diário de Notícias e os restantes viderinhos nada dizem porque os donos não deixam!

Portanto, só o vosso jornal poderá mandar informar porque estão fechadas as repartições à espera da lei que aumenta os preços do açúcar.

Proteste-se contra mais esta vil infâmia! —De v., etc., Augusto Teixeira.

## TEATRO AVENIDA

HOJE realiza-se a 200.ª representação do famoso

## PÃO DE LÓ

As melhores e mais acreditadas marcas de bicicletas

Armando Crespo & C.ª

Rua do Crucifixo, 118 a 124.

Lisboa

## BICICLETAS

ELGIN

THOMANN

CHANDLEUR

RALEIGH

As melhores e mais acreditadas marcas de bicicletas

Armando Crespo & C.ª

Rua do Crucifixo, 118 a 124.

Lisboa

## TEATRO MARIA VITÓRIA

Telef. N.º 3644

Duas sessões A's 8 112 e 10 112

A mais alegre e a melhor de todas as revistas

## FOOT-BALL

com todas as suas atracções e as famosas

ROBERTSON'S GIRLS

O CARACOLINHO

AS ROSSAS

O JORCA

A'MANHÃ

Estreia do quadro novo O ALMOCREVE DAS SEMHAS, «change» de figurante actualizada

Estreia dos números A VOLT A DO LAR e A LÁ-VADIAHA por Orfeu e Luz

«O Caminho» por Carminda Pereira

A «folheta» da distinta actriz Hortense Luz no número A VOLT A DO LAR foi confectionada nos «ateliers» de Madame Vale

Novos batidos pelas gentis «Robertson's Girls»

## Teatro Nacional

Telefone N. 3049

SEXTA FEIRA ÀS 21 HORAS

A 1.ª representação da interessante peça

## Papillon, bom rapaz

Nos primaciais papéis:

Maria Pia, Otelio de Carvalho, Albertina de Oliveira, António Pinheiro, Alice Ogando, Ribeiro Lopes, Isilda de Vasconcelos e Emilia Fernandes.

Preços

(Incluindo todos os impostos)

Frizas 40\$00

Gamarotes 40\$00

30\$00 e 20\$00

Fauteuils 10\$00

Superiores 6\$50

Geral 4\$00

Varandas 3\$00

## ULTIMAS NOTICIAS

### A greve geral na Inglaterra

#### Apelo aos sindicatos americanos

LONDRES, 11.—Os «trade-unions» solicitaram o auxilio financeiro dos sindicatos americanos, a fim de poderem manter a greve geral.

O sr. Churchill prontificou-se a fazer publicar o apelo dos arcebispos de Canterbury e de York a favor duma conciliação. —(L.)

#### Qual o número dos grevistas?

LONDRES, 11.—Torna-se impossível averiguar ao certo o número de grevistas no fim da semana que passou.

Os sindicatos afectados pela ordem da greve geral têm um número de filiados superior a dois milhões. Deste número, os mineiros representam 800.000 e os ferroviários mais de 450.000. Um quinto destes últimos encontra-se, porém, ao serviço e das outras uniões em greve por simpatia para com os mineiros, muitos dos seus filiados estão trabalhando, como nos varios serviços de transportes em comum, construção civil e jornais, não sendo possível determinar com exactidão o montante deste número. —(L.)

#### Um discurso repudiado

LONDRES, 11.—O sr. John Simons viu ontem atacado na Câmara dos Comuns a sua opinião de que só os mineiros se poderiam lançar no caminho da greve para procurarem obter a satisfação das suas reclamações. O sr. Henry Slesser, que foi procurador geral na situação trabalhista declarou que a secção terceira da lei que regula os conflitos industriais, não permite a anulação dos contratos de trabalho por motivo da greve. Sr. Douglas Hogg, «attorney» geral, disse que o discurso há dias pronunciado pelo sr. John Simons foi duma grande importância para o devido conhecimento dos factos pelo grande publico, tendo assim prestado um alto serviço ao país. Prossequindo, disse: «O sr. Slesser aparece agora a reafirmar as afirmações do sr. Simons, mas é um facto que a presente greve declarada pelos «trade-unions» não pode ser considerada como uma disputa industrial, visto não afectar o conflito mineiro às outras classes e apenas pode ser tomada como uma revolta contra o Estado, a qual se não acha protegida por lei alguma. O cronista parlamentar do «Times» diz hoje que no caso de se tornar necessário, pela continuação na greve geral, introduzir quaisquer modificações na legislação sobre o estado de circunstâncias excepcionais, o governo não submeter



AGENDA  
CALENDÁRIO DE MAIO

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
Q.																															
S.																															
S.																															
D.																															
S.																															

**MARES DE HOJE**  
Praia das 3,02 e às 3,22  
Baixamar às 8,32 e às 8,52

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94\$75
Madrid, cheque		2\$82,5
Paris, cheque		\$62,5
Suíça, cheque		\$379
Bruxelas, cheque		\$61
New-York, cheque		19\$60
Amsterdã, cheque		\$787
Itália, cheque		\$79
Brasil, cheque		\$285
Praga, cheque		\$58,5
Suécia, cheque		\$524
Austria, cheque		\$277
Berlim, cheque		\$467

## ESPECTÁCULOS

**TEATROS**  
Nacional.—As 21.—A da meia noite.  
São Luís.—As 21,15.—Mam'selle Nitouche.  
Ginástico.—As 21,30.—O Azar.  
Politeama.—As 21.—Variedades.  
Apollo.—As 21,45.—Os Milhões do Criminoso.  
Trinidade.—As 21,15.—O Homem das Cinco Horas.  
Teatro das Américas.  
Coliseu das Realidades.—As 21.—Luta.  
Fenícia.—As 21,15.—O Pão de Ló.  
Mário Vitoria.—As 20,30 e 22,30.—Foot-Ball.  
Santo Espírito.—As 21,15 e 22,15.—Dressas Montenegro.  
Sevilha.  
Joachim de Almeida.—20,30 e 22,30.—Fox-Trot.  
Cinema Elviciense (à Graça).—Espectáculos às 3,30.  
Sábados e domingos com ematice.  
Fenícia Parque.—Todas as noites. Concertos: di-  
versos.  
**CINEMAS**  
Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Chado Ter-  
rasso.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.  
—Tortoise.—Cine Paris.

Companhia Nacional  
de Navegação

**PARA:**  
Peniche, Porto (Douro) e Leixões, sairá  
em 15 do corrente o vapor

## "IBO"

recebendo passageiros e carga.  
Trata-se na sede da Companhia, rua do  
Comércio, 85.

**Vapor "Lourenço Marques"**  
Sairá no dia 15 de Maio para Fun-  
chal, São Vicente, Praia, Príncipe, São To-  
mé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Loanda, (Am-  
brizete, Boma, Noqui e Landana, com tras-  
bordo em Loanda), Amboim, Novo Redon-  
do, Lobito, Benguela, Mossamedes e Porto  
Alexandre.

Para carga e passageiros, dirigir-se aos es-  
critórios:  
Em Lisboa, rua do Comércio, 85.  
No Porto, rua da Nova Alfândega, 34.

## Novo Talho e Salchicharia

Rua Marquês Sá da Bandeira, 26, 28  
Com grande abundância de carne de va-  
ca, vitela, carneiro, porco, toucinho e seus  
derivados.

## LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta  
de propaganda tem  
dado lugar a que  
ainda hoje se con-  
sumam em Portu-  
gal limas estran-  
geiras, visto que  
as limas marca  
"União" da En-  
presa de Limas  
União Tóme Pereira, Ltd., rivalizam em preço  
e qualidade com as melhores limas do mundo.  
Experimentem, pois, as "União" e não se  
encontram a venda em todas as lojas de  
cintento de ferragem da pais.

## Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas..... \$50  
O sentido em que somos anarquistas..... \$30  
A peste religiosa..... \$40  
A Liberdade..... \$50  
A Internacional (música e letra)..... \$30  
Pedidos à A BATALHA  
ou no Cais do Sodré, 85

## Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO OURO, 98  
TELEFONE N. 5353  
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Na-  
ciso—A's 5 horas.  
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.  
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10  
horas.  
Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às  
5 horas.  
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—  
2 horas.  
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.  
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—  
12 horas.  
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 ho-  
ras.  
Doenças das crianças—Dr. Emílio Paiva—2 horas.  
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 ho-  
ras.  
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5  
horas.  
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.  
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.  
Raio X—Dr. Azeite Saldaña—4 horas.  
Análises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

## Policlínica do Rato

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.<sup>o</sup>  
TELEF. N. 1.200  
Dr. Júlio Gonçalves—Boca e dentes, às  
10 horas.  
Dr. António Monteiro—Clínica geral,  
senhoras e crianças, às 11 horas.  
Dr. Lourenço Raimundo—Rins e vias  
urinárias, às 13 h.  
Dr. António Fernandes—Medicina geral  
e doenças nervosas, às 15 h.  
Dr. João Saraiva—Doenças dos olhos,  
às 15 h.  
Dr. João de Moraes Sarmiento—Gineco-  
logia e operações, às 16 h.  
Dr. Raiva Saavedra—Pele, sífilis e pul-  
mões, às 17 h.  
Dr. Tavares do Couto—Garganta, nariz  
e ouvidos, às 15 h.  
Análises clínicas, electroterapia,  
maçagem e ginástica médica

## PEDRAS "METAL AUER"

PARA ISQUEIROS  
VENDE-SE NO LATA, DO LARGO  
DO CONDE BARÃO, 55  
Duzia \$40; 100, 2\$80; mil, 25\$00  
Pedra grande, duzia, \$80

## PRODUTOS ZÉDOL

Enviam-se catálogos grátis, ocultos  
**Pilulas virilígenas**, o melhor  
preparado para a fraqueza genital.  
**Pilulas Hemofitas**, regularizador  
das menstruações.  
**Ovaralgina**, o melhor preparado  
para as dores que acompanham a men-  
struação, de efeitos garantidos.  
Pedidos ao depositário ANTONIO SILVA  
Calçada de Santo André, 16

## FABRICA

cladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento  
**GOARMON & C.**  
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19  
—TELEF. C. 1244—LISBOA—

A GRANDE BAIXA  
DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%  
NA  
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora ..... \$2\$80  
Sapatos em verniz ..... \$2\$80  
Botas pretas (grande saia) ..... \$2\$80  
Botas brancas (saia) ..... \$2\$80  
Grande saia de botas pretas ..... \$2\$80  
Botas de cor para homem ..... \$2\$80

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com  
outra casa.  
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.  
A Social Operaria e na rua dos Cavaleiros,  
18-20, com Filial na mesma rua, n.º 94.

## DONAS

Fabricante de lanifícios inaugurou  
um novo Depósito de todas as qualidades  
de fazendas de lã, para VENDA DIRECTA  
AO PUBLICO.  
A pedido da sua numerosa Clientela  
inaugurou a secção de alfaiataria  
que fica anexa ao novo Depósito, onde todo o  
Cliente se poderá vestir pelos últimos  
figurinos.

FATOS EM 24 HORAS  
Estambres a 55\$00  
Especialidade em estambres de cor e profos  
Encomendam-se amostras ao domicílio e provincia  
Telefones N. 3300-5408

TEM ASCENSOR  
Praça dos Restauradores, 13, 1.º Dt.  
(Canto por cima do Hotelaria Suissa)

Direcção técnica de Guilherme de Almeida  
Barros

**PAPELARIA**  
**VIÚVA MARQUES**  
(Viúva de Manuel da Costa Marques & C.ª, Limit.ª)  
Variadíssimo sortimento de artigos para escritório  
Telefone: C. 2676 Rua do Ouro, 36—Lisboa

**SALVADOR BARATA, L.** DA RUA DAS ORTIVAS N.º 19-A e 13-C  
TELEFONE T. 546 LISBOA  
Fabricantes dos Alvaides marca "GAIVOTA" e únicos depositários do  
"PÓ RODRIGUES"  
O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS,  
BARATAS, FORMIGAS, etc.  
em todas as DROGARIAS, MERCE-  
RIAS e lojas de FERRAGENS

**FERRAGENS E FERRAMENTAS**  
**CUTELARIAS E TALHERES**  
**LOUÇA ESMALTADA**  
**GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS**  
**REDE E PREGARIA**  
Sortido completo  
em ferramentas para  
carpinteiros, marceneiros,  
serralheiros, etc., etc.  
**FOLES, VENTONHAS,**  
**ENGENHOS DE FURAR,**  
**LIMAS, BROCAS E MANDRIS**  
31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

**O AUTOMÓVEL SÓ ERA**  
**ACESSÍVEL AOS RICOS**  
**A Cooperativa Lisbonense**  
**de Chauffeurs**  
**PROLETARIZOU-O**  
Porisso, as classes trabalhado-  
ras têm o dever de preferir o  
taxis "Citroën" (palhinha ama-  
rela) a qualquer outro  
Telefones: Norte 5521 e 5528  
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

**Empresa de Trens de Aluguer**  
**da Graça**  
Rua de São Gens (à Graça)  
Telefone Norte 2042  
Esta Empresa participa aos seus esti-  
máveis clientes que, a partir do dia 1  
de Abril, reduziu os seus preços, esta-  
belecendo a tabela seguinte:  
As duas primeiras horas 25\$00  
Cada hora a mais ..... 10\$00  
Serviços de TEATRO, le-  
var e buscar ..... 15\$00  
Serviços para fora de Lisboa preços  
convencionais.

**Purgações e prostatites**  
CURAM-SE radicalmente na Farm. Ultrama-  
rina. R. de S. Paulo, 101. Purgações 3 dias.  
Prostatites 2 dias. Antigos ou modernos, curam-se  
sempre.  
**Desejam vender ou comprar ouro,**  
**prata ou joias?**  
Prefiram as ourivesarias da firma  
**Morais & Gama**  
Rua da Betzga, 16  
— E —  
**Ourivesaria da Estefânia**  
na Rua Pascoal de Melo, 132  
onde, por preços com que ninguém pode  
competir, poderão comprar ou vender  
nas melhores condições de garantia.

**BOTAS**  
**CALÇADO A PREÇO DE REVENDA**  
**E**  
**SECÇÃO DE CHAPELARIA**  
**Tudo barato**  
Sapatos para senhora desde ..... 45\$00  
Botas para homem em vitela preta  
desde ..... 50\$00  
Botas para homem forma da moda  
côr ou preta ..... 75\$00  
Sapatos verniz senhora ..... 60\$00  
Sapatos crepe ceilão última moda ..... \$  
Grande quantidade e variedade de  
calçado de crianças.  
Grande stock de sandálias.  
Dá-se um brinde, a quem comprar  
nesta casa e apresente este anúncio.  
Ver os preços de sensação nas nos-  
sas montras.  
**SAPATARIA BRASIL**  
206, Rua da Madalena, 212  
**Alfaiataria do Carmo**  
DE  
**David da Costa Relvas**  
Calçada do Carmo, 50—LISBOA  
Fatos e Sobretudo para homens e senho-  
ras, de boas fazendas e a preços barata-  
simos. Fazem-se com perfeição e elegancia.  
Aceitam-se fatos a feito.

Serviço de livreria de A BATALHA  
Livros em Esperanto

Angla Lingvo sen Professoro	5\$00	Comédia em 1 acto de Tristan Bernard, traduzida por Gaston Moch. 1 volume de 44 páginas	5\$00	Contos humorísticos de Salom-Alelem, traduzidos por Is. Mue- nik. 1 volume de páginas.....	6\$00
Aspazio	8\$00	Tragédia em 5 actos de Syjenta- hoyshi traduzido pelo dr. Leono Zamenhof. 1 volume de 157 pá- ginas.....	8\$00	Historio de la Lingvo Esperanto Desde 1837 a 1900. Assunto sem- pre versado nos exames com- mentares de Esperanto. 1 vol. de 74 páginas.....	6\$50
La Avarulo	5\$00	Comédia em 3 actos de Molière, tradução de Sam Meyer. 1 vo- lume de 64 páginas.....	5\$00	Imenlago	3\$00
La Barbiro do Sevilha	4\$00	Comédia em 4 actos de Beaumar- chais, tradução de Sam Meyer. 1 volume de 64 páginas.....	4\$00	Novela de Theodor Storm, tradu- ção de Alfred Bader. 1 volume de 33 páginas.....	3\$00
Bildotabluj	15\$00	De Thora Goldsch mt. Excelente para conversação e para fixar palavras, com inúmeras estam- pas elucidativas; é indispensá- vel. 1 volume encadernado....	15\$00	La Interrompita Kanto	3\$50
Chaves de Esperanto	5\$00	Pequenas, absolutamente portá- teis, esplêndidas como auxi- liar e para propaganda, conten- do gramática e vocabulário....	5\$00	Pela Sino. Orszeko, tradução de Dr. Kabe. 1 vol. de 79 páginas..	3\$50
Elektilaj Poemoj	2\$50	De Henri Heine, tradução de Frie- drich Pillath. 1 volume de luxo	2\$50	Kaajle	8\$00
La Elementoj kaj la Vortfarado	5\$00	De Cefee, Gramática e sintaxe em Esperanto. Muito interessante. 1 volume de 64 páginas.....	5\$00	Peça em 4 actos de Paul Sndak, tradução do dr. Wwan der Biet. 1 volume de 111 páginas.....	8\$00
esperanto et Croix-Rouge	2\$50	De Bayol, Em francês e Esperan- to, com a terminologia mili- tar e de enfermagem; precioso para conferencistas militares, 1 volume.....	2\$50	Kanto de Triunfanta Amo	2\$00
Enkiklopedio Vortaro Esperanta	20\$05	De Verax, com explicações em Es- peranto e tradução em francês. volume de 284 páginas.....	20\$05	Por Ivan Turgenev, tradução de dr. Andre Fiser. 1 volume de 32 páginas.....	2\$00
Esperantaj Poemoj	2\$30	De C. Chr. Dreogendijk.....	2\$30	Kerludo de Toroj	3\$50
Esperantaj Prozaĵoj	8\$00	De diversos autores, 1 volume de 246 páginas.....	8\$00	Kurso Tutmonda lau la Metodo Natura	2\$50
Fantomo en Zubi	4\$00	De Kolomano Mikszath, tradução de Eugenio Forster.....	4\$00	Original de Emile Gasse. 1 vol. de 57 páginas.....	2\$50
Fatala Suldo	12\$00	De Leonel Dalsace, obra teosófi- ca traduzida por E. F. Cense. 1 vo- lume de 313 páginas.....	12\$00	La Kvar Evangelioj	8\$00
Fraulinio Suzano	3\$00	Novela por Asejenko, tradução de P. Medem. 1 volume.....	3\$00	Reinidos num conto pelo padre Laisny. 1 volume de 196 pági- nas.....	8\$00
Frenezo	3\$00	Dois dramazinhos em 1 acto, ori- ginis de F. Pujala-Vallés. 1 volume de 49 páginas.....	3\$00	Kvin Noveloj	5\$00
Fundamenta Krestomatio	15\$00	Compilação de L. L. Zamenhof, autor do Esperanto. Exercícios, fábula, contos, artigos sobre Esperanto, poesias, etc., livro que todo o principiante deve adquirir. 1 volume de 460 pági- nas.....	15\$00	De L. E. Meyer, tradução de di- versos. 1 volume encadernado.	5\$00
La Fundo de l'Mizero	3\$00	De Vaclav Sirosevski, tradução do dr. Kabe. 1 volume de 88 páginas.....	3\$00	Lupo, Hundoj kaj Homoj	2\$50
halka	6\$00	Comédia em três actos de Ma- lière, engraçadíssima. 1 volume de 52 páginas.....	6\$00	Novela de Adolph Dygasinski, tradução de Br. Kuhl. 1 volume encadernado.....	2\$50
Opera em 4 actos, texto de Wols- ki, tradução de Antoni Gra-	15\$00		15\$00	La Rego de la Montoj	12\$00
				Romance de Ed. About, tradu- zido por Gaston Moch, com lindas ilustrações de Gustavo Doré. 1 volume de 248 páginas	12\$00
				La Revizoro	8\$00
				Comédia em 5 actos de N. V. Go- gol. 1 volume de 100 páginas..	8\$00
				La Rompantoj	4\$00
				Cinco monólogos, com estampas intercaladas no texto. 1 volu- me de 44 páginas.....	4\$00
				L. Rabistoj	10\$00
				Drama em 5 actos de Schiller, 1 volume de 144 páginas.....	10\$00
				Matematika Terminaro	5\$00
				Por Bricart. 1 volume de 60 pági- nas.....	5\$00
				Mistero de Doloro	3\$00
				Drama de Adria Gual, tradu- zido do catalão por F. Pujala- Vallés. 1 volume de 96 páginas	3\$00
				Monadologio	3\$00
				De Leibnitz, traduziu. Reitor E. Boirac. 1 volume de 31 páginas	3\$00
				Plena Vortaro Esperanto-Esperanta	30\$00
				Kaj Esperanto-Franca	30\$00
				Por Emile Boirac, 2 volumes de 430 páginas.....	30\$00
				Porvo de Marista Terminaro	5\$00
				Muito ilustrado e compreensível, compilado por M. Rollat de Plse. 1 volume encadernado de 72 páginas.....	5\$00
				Salomé	3\$00
				Drama em um acto de Oscar Wil- de, tradução de H. J. Bultuis 1 volume de 40 páginas.....	3\$00
				Sokrato	15\$00
				Drama em três actos de Ch. Ri- chet tradução de J. Conteaux, 1 volume de 100 páginas.....	15\$00

**TODOS OS PEDIDOS** de livros devem ser feitos por meio  
de carta registada na qual será enviada a importância res-  
pectiva, acrescida do correspondente custo do porte de correio  
e registo.

Os preços de porte são os seguintes:  
Continente.—Pacote até 2 quilos, cada 50 grammas, \$10. Encomendas postais, até 1  
quilos, \$5\$0.  
Brasil e países da União Postal.—Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 grammas.  
América do Norte.—Pacotes até 5 quilos, \$5\$0.

cidade, tinham tinham posto luzes às janelas assim  
que ouviram o primeiro toque de sinos...

"O meu pensamento foi correr a casa do almirante,  
para o avisar do perigo que corria; mas, quando me  
dirigia a toda a pressa para a rua de Bétisny, vi sair  
de muitas casas homens com a cruz branca no chapéu  
e a manga da camisa no braço; estes homens brandi-  
am lanças, espadas, punhais, e bradavam:—Viva  
Deus e o rei!... Mata, mata os huguenotes!"

"Depois, reunidos em grupos, eles paravam diante  
de certas portas marcadas com uma cruz branca feita  
a giz, atiravam-se a estas portas, arrombavam-nas, e  
precipitavam-se nas casas berrando:—Mata! mata os  
huguenotes!..."

"Eu ia a toda a pressa para casa do almirante,  
quando ao voltar da rua Bétisny, vi o duque Henrique  
de Guise, em companhia de seu tio o duque d'Aumale,  
à frente dum batalhão de arcabuzeiros da guarda.  
Com eles vinha também o bastardo d'Angoulême,  
irmão do rei. Todos traziam armaduras de guerra, e  
espadas desembainhadas. Eram acompanhados por  
pagens com tochas acesas. Grande número de mata-  
dores católicos, que se conheciam pelos distintivos que  
eu também trazia, caminhavam com os soldados das  
guardas; eu juntei-me a eles.

"Assim que chegámos a diante da casa de Coligny,  
os soldados começaram, com as coronhas dos arcabu-  
zes, a dar grandes pancadas na porta principal, até  
que esta se abriu. Alguns criados do sr. de Coligny,  
que estavam no pátio, são logo mortos.

"Os dois Guises e o bastardo d'Angoulême, rodea-  
dos dos seus pagens, pararam defronte da casa, a  
alguns passos do alpendre que dava para o vestibulo.

"O duque de Guise fez um sinal, e logo o escu-  
deiro Besme e os capitães Cosseins, Cardillac, Altain  
e Petrucci, seguidos de muitos soldados, sobem rápi-  
damente a escada do primeiro andar, onde é o quarto  
do almirante.

"Eu, vendo que era já impossível salvá-lo, deixei-  
me ficar no pátio, misturado com os católicos. Mas,

alguns instantes depois, tive conhecimento detalhado  
do que se passou em cima.

"O sr. de Coligny, acordado pelos gritos dos cria-  
dos, adivinhou a sorte que o esperava. Junto dele  
tinham ficado toda a noite o fiel Nicolau Mouche e o  
pastor Merlin.

"—Chegou a nossa última hora; recomendemos a  
nossa alma a Deus!—disse simplesmente o almirante.

"E, levantando-se da cama, vestiu um capote e  
ajoelhou, imitando-o o ministro e o servo, e todos três  
começaram a rezar. De repente, foi arrombada a porta.  
Besmes, o escudeiro do duque Henrique de Guise, foi  
o primeiro a entrar, com a espada levantada, seguido  
pelo capitão. Ele foi direito ao sr. de Coligny, que,  
terminada a sua oração, se levantava tranqüilo e digno,  
e disse-lhe:—Tu és que és o almirante... vais morrer!

"—Cumpra-se a vontade do Senhor!—respondeu  
o sr. de Coligny. Mancebo, são bem poucos os dias  
que me tiras.

"Foram as últimas palavras deste grande homem!  
Besmes agarrou-o pelo pescoço com uma mão, e com  
a outra enterrou-lhe a espada no peito!... O anção  
caiu de joelhos, e o capitão Cardillac atirou-o para o  
chão e cortou-lhe as gúelgas com a adaga, enquanto os  
outros oficiais matavam Nicolau Mouche e o ministro  
Merlin!

"Eu, que tinha ficado no pátio, fui testemunha  
duma scena ainda mais odiosa do que o assassi-  
nato. O duque de Guise, apenas alguns minutos depois,  
griou impacientemente, com voz retumbante:—Então,  
Besmes, está pronto?

"Abriu-se uma das janelas do primeiro andar, e  
apareceu o escudeiro, tendo na mão a espada ensan-  
guentada e anunciando a morte do almirante, ao que  
o duque respondeu:—Bem! atira-nos o cadáver, que  
queremos vê-lo.

"Besmes afastou-se e voltou pouco depois, com o  
capitão Cosseins, trazendo o cadáver do almirante...  
Parece-me ainda estar a ver a cabeça branca do velho,  
inerte, pendente, passar por cima do parapeito da

janela, com os braços oscilando no espaço... Enfim,  
Besmes e o capitão fazem um último esforço; o cadá-  
ver, precipitado no pátio, cai e rola aos pés do duque  
de Guise.

"O único traje do anção era um capote que vestira  
à pressa; foi assim que o lançaram pela janela, meio  
nu, e ainda quente! A fronte bateu e saltou na terra,  
que breve estava vermelha de sangue. A vítima tinha  
caído de bruços. O duque de Guise baixou-se, e, ajuda-  
do pelo bastardo d'Angoulême, voltou de costas o  
cadáver, enxugou o sangue que cobria o rosto augusto  
do grande homem, contemplou-o com uma alegria  
feroz, e depois, dando com o bico da bota nesta cabeça  
toda branca, murmurou:—Até que enfim, está morto  
e bem morto!

"E depois, voltando-se para os soldados e matado-  
res católicos, acrescentou:

"—Vamos, companheiros, continuar a nossa santa  
missão... O papa quer... o rei ordena..."

"Eu, quasi desfalecido e incapaz de fazer um mo-  
vimento, tinha assistido a esta scena de canibalismo,  
que era apenas o prelúdio de outra ainda mais horri-  
vel... Os duques de Guise, d'Aumale, e o bastardo  
d'Angoulême, com os seus soldados, saem do pátio  
da casa de Coligny, que logo é invadido por uma  
multidão de homens, mulheres, crianças esfarrapa-  
das... Era um grupo hediondo, brand





## ATRAVES DA AFRICA

### NO GRANDE IMPERIO DE ANGOLA

Primeiras impressões da baía e da cidade de Loanda—A terra da cerveja, do foot-ball, dos automóveis e dos funcionários—Uma cidade feia que virá a ser uma cidade linda

Após alguns dias de vagarosa jornada ao longo desta costa marítima, numa aridez bem africana, dentro dum navio mercante constantemente em carga e descarga de óleos, de café, de peles e assucar—navio que se arrasta preguiçosamente, como um artista vagabundo, ou como um mercador boêmio—demandando terras do Zaire e de Cabinda, pequeninos portos do Ambriz e Ambrizete, eis-me, enfim, na grande capital do vasto império de Angola.

Chegámos à noite, já o Sol se afogava no Oceano deixando nos muros vermelhos um tom de brasa arrefecida, salpicando dum ouro claro as águas do mar africano. Sob a sugestão de terras novas que visitámos pela primeira vez parece que ganhámos inéscita expressão, que ressuscitam com novo encanto, os aspectos já revelados noutros lugares e, afinal, parecidos ao que vamos ver. Mas nem a semelhança da paisagem, nem o que havíamos pressentido ou adivinhado, diminui a curiosidade infantil, ansiedade pelo desconhecido, devorante comoção.

A noite cai vagarosa sobre as águas azues da baía, e enquanto o navio lança fumaça, um cicerone amável vai apontando-me, do convés, os diversos contornos do porto e da cidade já envolta em sombras crepusculares.—Aqui, à entrada da baía, as velhas fortalezas de castelos subterrâneos, com uma lenda misteriosa, e onde noutras eras entrava o mar e a morte; mais adiante, o cruzado e as ruínas da igreja da Nazaré, a comemorar a célebre batalha de Janeiro de 1606, entre 400 portugueses e 100.000 indígenas, onde o próprio rei do Congo foi degolado; ao largo, sobre o mar, como seta recuava que quizesse fechar o porto às curiosidades do mundo, a famosa ilha onde em 1575, pela segunda vez, desembarcou e edificou a primeira igreja o fundador e conquistador de Loanda, Paulo Dias de Novais; para as bandas do poente, ao alto, o morro de São Miguel, histórica fortaleza que hoje é moradia dos degredados; e ao fundo da enseada, a trepar pelos morros agrestes, recortando-se em anitéatro, a famosa cidade de São Paulo de Loanda.

Tem imponência e vastidão o porto, naturalmente abrigado; com superfície ancorável de 887 hectares, onde podem entrar os maiores navios do mundo. Não se cruzam estas águas, nem se contempla a velha cidade angolense, pela primeira vez, sem um íntimo estremecimento de comoção—por mais arrejado que se esteja de patriotismos ridículos e vulgares.

Causa uma certa impressão vir encontrar nos confins do Oceano, muito longe de Portugal, territórios enormes, numa superfície de 1.225.775 quilómetros quadrados, com 1.625 quilómetros de costa marítima, onde vivem cerca de cinco milhões de indígenas submetidos ao domínio português; onde se fala e ensina a língua portuguesa; onde, nas ruínas das cidades mortas e povoações nascidas se adivinha o sentimento português; onde, neste momento, vivem, sofrem, morrem, a lutar pela vida, perto de 40.000 portugueses nascidos em Portugal.

Tudo isto é grande e esta impressão, misto de ternura e nostalgia, só se compreende e explica bem, aqui.

Cai noite plena sobre o mar, e entreteño-me a ver os dongs negros que se balançam junto ao navio; esqueço-me a observar os contornos da paisagem, com as casinhas das fábricas, os muros e cordões dos botes e veleiros, os vultos disformes dos guindastes, todo o mistério do porto a desenharem-se em silhuetas negras na noite azul.

Sentiria, realmente, pena se não desembarcasse imediatamente, porque as cidades desconhecidas, vistas à noite, ganham duplo encanto.

Veio em meu auxílio, facilitando-me o desembarque, a gentileza dum esplêndido companheiro de viagem, o coronel Eduardo Marques, ilustre colonial e director das minas de petróleo, que me ofereceu um lugar no barco que o aguardava.

Rapidamente transpuz o cais, bizarramente alumado com lanternas de vidros vermelhos e azuis, e ponho, finalmente, os pés em terras de Angola. Como na Alentejo foram amáveis, em menos de dez minutos encontro-me na pousada—o Hotel Central, onde oio música e vejo muita gente europeia e algumas caras conhecidas.

Mal principiava a jantar, logo alguém me chama e vem abraçar—é o meu velho amigo Vasco Valar, um moço aqui empregado no Ultramarino, desenhador distinto que acaba de exportar trabalhos em Loanda, que imediatamente me apresenta a um grupo de camaradas que andam empenhados neste momento em organizar o **Núcleo de artistas de Angola**, e de quem fazem parte, entre outros, Luis Martins, um magnífico gravador de madeira; Acácio Neves, *sportman* distinto com veia literária; Virgílio Cidrás, pintor e jornalista; Octávio Augusto, poeta com livros publicados, e D. António Esteban, caricaturista catão do mais delicado humorismo, com preciosos desenhos que tenciono publicar.

Em tão gentil e alegre companhia fiz, imediatamente, uma romagem nocturna pela cidade que, recolhida nas sombras e sob o prestígio misterioso da noite, me pareceu encantadora.

Mas, vista à luz do dia, Loanda seria tão linda como nos pareceu?...  
\*\*\*

Não, leitor, vista de dia, serenamente como depois a vi, Loanda não é uma cidade linda, estando muitíssimo longe dos confortos que podia ter, e precisa ter uma cidade que é capital deste vastíssimo e colossol império de Angola.

Nem conforto, nem distrações, nem bom gosto. Apenas uma cidade camponesa e habitável, onde se vive com um pouco de boa vontade, graças a meia dúzia de pessoas amáveis que sabem tratar bem.

E uma cidade de funcionários públicos, onde se bebe muitíssima cerveja discutida aos "dãos", amavelmente, e onde paira o bulício, por vezes tumultuário, de quinhentos automóveis. Não há mais distração do que o cavaco do café, as noites de cinema, a política sertaneja, e as disputas de *foot-ball*. A pesar-do clima quente, só em Loanda existem nada menos de 8 gru-

pos desportivos, a saber: «Grupo Desportivo da Associação Beneficente dos Empregados do Comércio», «Sporting Club de Loanda», «Sport Lisboa e Loanda», «Club Atlético de Loanda», «Grupo Sportivo Nun'Alvares», «Ferrovia Atlético Club», «Operário Foot-Ball Club» e «Império Foot-Ball Club».

Mas, sobre tudo, a grande distração resume-se neta síntese: «*cerveja e automóveis*».

Contava-me um amigo, irónico e malicioso, que nos tempos das *vacas gordas*, quando Angola nadava em dinheiro, o aturdimento era tal que parecia que quando se acabava a gasolina até os automóveis andavam com *cerveja*, e quando se acabava a *cerveja*,... até havia menino que era capaz de beber gasolina...

Por detrás de toda esta estúdia uma melancolia bem portuguesa, de quinze em quinze dias abalada pela nostalgia transatlântica dos paquetes que vêm e partem para Portugal. Loanda, porém, não pode continuar assim, e carece de fazer a sua *toilette* para a condigna recepção da Costa Ocidental africana. As suas ruas são amplas mas recortam-se de ravinas, transbordam de areias porque não são pavimentadas; não tem água farta, nem luz capaz, nem um balneário; os seus jardins, largos e avenidas são mal cuidados; falta-lhe um grande hotel, um belo teatro, uma biblioteca e um museu—e sem estas coisas não tem existência as grandes capitais.

Não se trata dum luxo para sibiários ou milionários, mas de elementares noções de higiene e conforto, que melhor fixam a colonização e que têm um exacto sentido prático na moderna economia. Tanto mais que Loanda, a pesar de feia, é uma cidade simpática, com uma feição muito portuguesa, já com valiosos edifícios—como os palácios do governo, alfândega, correios e hospital—e com a parte alta, sítios das «Ingombotas», Musseques e «Maingas»—já matizada de bairrosinhos alegres, com *chaleis* floridos cheios de pitoresco e graça, que são um belo ensaio para a grande cidade nova.

Quando as Câmaras Municipais cumprirem o seu dever, e surgirem as avenidas alegres e floridas, as ruas cuidadas, luz e viiação eléctrica, amor pelos monumentos e ruínas, interesse pelas universidades, bibliotecas e museus, então Loanda, cidade morena e ardente, será uma linda capital.

Angola—1926.

Juliano QUINTINHA

#### INTERESSES DE CLASSE

#### Os polidores e os seus empreiteiros

O assunto que vamos tratar finha melhor cabimento no nosso órgão corporativo, mas como este, devido a dificuldades económicas, se encontra suspenso recorremos à nossa *Batalha*.

Como já referi em tempos se há questão que interesse bastante a classe dos mobiliários e em especial a dos polidores—é a questão dos empreiteiros.

Depois da nossa última greve, que durou mais de 6 meses, os empreiteiros surgiram como cogumelos.

Para se ser empreiteiro bastava arranjar umas mesas, umas garrafas e um lista de escrupulos que não se importasse que o trabalho resultasse imperfeito, visto que os empreiteiros olham à quantidade e não à qualidade do trabalho produzido e por sua vez o freguês tudo paga sem recalcitrar...

O prejudicado é o operário. Mas este, parece que vive numa maré de rosas, visto que ainda se não manifestou de modo a fazer com que a exploração dos empreiteiros cesse definitivamente. Operário que não cai na graça do empreiteiro ou que por razões físicas é incapaz de dar a soma de trabalho que ele exige é impiedosamente posto à margem e condenado à miséria.

A imperfeição do trabalho realizado dá também origem à crise, visto que o trabalho dura menos tempo do que o requerido e ainda se dá a circunstância dum empreiteiro forçar os operários a trabalhar à *lufala* alegando que está sem dinheiro e tem que entregar rapidamente a mobília. Os operários fazem-lhe a vontade, dando como resultado ficarem desocupados quando deviam estar a trabalhar.

Esperamos que os polidores ponham de parte o seu indiferentismo pelo sindicato e apareçam nêle e se preparem para acabar com este estado de coisas que está criando raízes—estado de coisas deplorável pois que à ganância dos lojistas juntou-se a ganância dos empreiteiros.

Alberto SILVA

(Operário do mobiliário sindical)

#### Os mineiros franceses também reclamam

DOUAI, 11.—Os acordos feitos, em janeiro último, entre as companhias huielras e o sindicato dos mineiros do norte e do Pas-de-Calais expiram no próximo dia 15. Em face desta eventualidade, houve uma reunião preparatória da delegação operária. Argumentando com o encarecimento obtido um aumento de vinte por cento e os mineiros consideram-se a ganhar mais, desde que o pão, por exemplo, que então custava 1 franco e 85, custa agora 2 francos e cinco centimos o quiloqugramma. Os patrões resolveram atender a reclamação, aumentando os salários em 10 por cento. —(H.)

#### Proibindo as bebidas

OSLO, 11.—A proposta e plebiscito acerca da manutenção da lei que proíbe as bebidas alcoólicas, actualmente em vigor, foram aprovados por maioria no Parlamento. —(H.)

## O primeiro de Maio na província

Em Castelo Branco

Efectuou-se uma sessão e foi arbitrariamente proibida a realização duma conferência

CASTELO BRANCO, 6.—*Atrazado*.—Como é notório dos leitores de *A Batalha* o povo desta cidade tem como governador civil um indivíduo que bastas vezes tem dado provas de ser um autêntico bruto; mormente quando lhe dá na gana meter o bedelho em manifestações ou movimentos operários.

Este bruto que parece querer igualar-se ao seu patrono Marang da Silva, voltou este ano a cometer a infâmia praticada no 1.º de Maio do ano transacto, na pessoa de Viegas Car-rascalão.

Aproveitando a estada nesta cidade do camarada Saul de Sousa e por resolução do C. Confederal foi este camarada incumbido de representar a C. G. T. nas manifestações levadas a efeito pela organização operária local naquele dia.

A fim de dar um maior impulso a essas manifestações, tanto mais que nenhuma preparação havia sido feita para tal, a Associação dos Corticeiros fez distribuir por toda a cidade um vibrante manifesto aconselhando o proletariado a abandonar o trabalho no dia 1.º de Maio e a assistir a uma palestra na véspera à noite proferida pelo delegado da C. G. T., Saul de Sousa.

Sucedeu, porém, que o bruto do governador emborrou com essa palestra—não fôsse dela sair a alteração da digestão dos bons burgueses do burgo ou até a revolução social—e vá de mandar cercar a sede da Associação dos Corticeiros com rigorosos ordens, ao ponto da polícia com muita parvoíce dizer: «Não pode entrar porque está a associação em estado de sítio».

Esta estúpida ordem do chefe do distrito trouxe como consequência, é claro, a não realização da anunciada palestra.

No dia seguinte, porém, e a pesar de tudo, o proletariado de Castelo Branco acorreu ao seu organismo para comemorar o 1.º de Maio.

Pelas 21 horas, a mesa foi constituída, tendo como presidente um trabalhador da construção civil e como secretários um fabricante de calçado e um corticeiro.

Aberta a sessão pelo camarada presidente, falou em primeiro lugar um membro da direcção da Associação dos Corticeiros que lamentou que os trabalhadores não tivessem acorrido ali em maior número para melhor afirmarem a sua repulsa pela sociedade burguesa.

Seguiu-se-lhe o delegado da C. G. T. que falou durante uma hora e um quarto. Antes porém, aconselhou o presidente a convidar a autoridade a entrar para a sala e a colocar-se em local bem visível, isto porque se encontrava a polícia oculta nos corredores.

Feito o convite, que foi aceite, o delegado da C. G. T. disse não receber a presença da autoridade, porque cónsio de ter a razão a seu lado, uma só coisa receava: era que a polícia, como é seu costume, falseasse as suas palavras tal como o ano passado fez ao camarada Carrascalão.

Referindo-se ao significado do 1.º de Maio insurge-se contra o procedimento dos trabalhadores desta cidade que não tiveram a coragem de se imporem ao bruto do governador civil.

Põe em confronto o gesto e a consciência destes com os que em Chicago sacrificaram a vida em holocausto a todos nós. Descreve a tragédia de 1886 em Chicago, a maneira como ela era comemorada quando a organização operária estava enfeada entre socialistas e a maneira como hoje é comemorada pela organização actual baseada no sindicalismo revolucionário.

Refere-se largamente à acção da A. I. T. Faz realçar o valor e a força deste organismo e exorta os trabalhadores a coadjuvarem a essa missão.

Em seguida analisa a pretensa cidadania que está na forja e aconselha os presentes a prepararem-se convenientemente contra os que pretendem impor ao país um regime de sangue e ódio.

Referindo-se às deportações aconselha o povo a estar vigilante visto o sr. Marang da Silva pretender fazer julgar os deportados no Ultramar.

Em seguida o orador que—conforme uma credencial lida—representa simultaneamente a F. J. S., descreve à assistência o que foi o congresso da mocidade sindicalista revolucionária portuguesa. Põe em confronto esse congresso com o dos políticos, e diz: Enquanto que nos congressos políticos se trata de algarimar mais e melhor o povo, o da mocidade sindicalista com elevação, com nobreza e com o carinho que lhe é peculiar adestrava o povo, em especial a mocidade, à destruição dessas algarimas. Por último dirige-se aos velhos aconselhando-os a acariar a mocidade e a trazê-la para a organização.

Em seguida é lida e aprovada uma moção que salva de palmas e aos vivos a C. G. T., A. I. T., F. J. S. e *Batalha* uma moção com as seguintes conclusões:

1.º «Saúdar as vítimas da burguesia internacional, afirmando-lhes a sua mais carinhosa solidariedade»;

2.º «Afirmar a sua inabalável disposição de, ao lado dos escravos de todo o mundo, lutar pela destruição da sociedade burguesa»;

3.º «Manter bem viva a rebeldia contra o existente e robustecer o seu reduto sindical»;

4.º «Saúdar e incitar a A. I. T. a continuar na luta coordenando a acção de todos os organismos seus aderentes para a conquista do horário das seis horas»;

5.º «Intensificar a propaganda nesse sentido».

Joaquim Rocha apresenta a seguinte saúdação que provocou uma verdadeira apoteose à juventude sindicalista:

«O proletariado de Castelo Branco saúda a mocidade sindicalista portuguesa por intermédio da respectiva Federação, fazendo votos para que os importantes trabalhos realizados no seu II congresso tenham uma rápida e perfeita praticabilidade para assim apressar a emancipação dos oprimidos».

Joaquim Sarrasqueira apresenta também uma moção-protesto contra o ignóbil procedimento de Azevedo Coutinho, em Moçambique, e uma saúdação aos ferroviários daquela província.

Também foi aprovada uma moção-protesto contra a pretensa extradição do militante operário Paulo da Silva.

O comício foi encerrado aos vivos à C. G. T., A. I. T., F. J. S., *Batalha*, etc.

#### Em Lagos

#### Deplorável inconsciência

LAGOS, 6.—*Atrazado*.—Passou aqui quase despercebido o 1.º de Maio. Há já algumas vezes que os delegados operários vindos a esta cidade pelo 1.º de Maio têm de esperar mais um dia por não comparecerem operários à sessão comemorativa.

Os operários revelam uma triste inconsciência pois aproveitam sempre o dia para ir passear e merendar para os arredores, esquecendo-se das terríveis dificuldades económicas em que vivem e da exploração de que são vítimas.

Contudo, esperamos que ele dentro em breve se aperceba do seu erro e venha a compreender que só dentro do seu sindicato poderá defender os seus interesses e aniquilar a exploração e a tirania que duramente os atingem.

#### Em Elvas

ELVAS, 6 (atrasado).—Comemorando o 1.º de Maio, o sindicato dos trabalhadores rurais de Elvas realizou na sua sede uma sessão solene, fazendo uso da palavra Mário Fonseca, pelos rurais de Elvas; Joaquim de Sousa, da C. G. T. e António Tomás, da Federação Rural.

A sessão que decorreu muito animada terminou com vibrantes vivas à C. G. T., à *Batalha* e à Organização Operária.

Durante todo o dia esteve franqueada ao público a entrada no Sindicato, onde teve lugar uma quermesse.

No dia 2 promoveu este Sindicato um comício público, ao qual presidiu Mário Fonseca, secretariado por João António Eufêmia, de Terrugem, e Filipe António.

Em primeiro lugar fez uso da palavra António Tomás da Federação Rural, que explicou o significado do 1.º de Maio exortando os trabalhadores a fortalecerem o seu sindicato, a fim de mostrar a sua repulsa pelo capitalismo, terminou atacando a ditadura que se pretende implantar em Portugal.

Seguiu-se-lhe Joaquim de Sousa, da C. G. T. que apontou à assistência os erros dos governantes políticos que nada mais fazem do que banquetearem-se à custa do povo.

Sobre o capitalismo espraizou-se em considerações, terminando por lembrar ao operariado que só a sua união poderá modificar as suas condições de vida.

Fez esta sessão com calorosos vivos à C. G. T., *Batalha* e ao operariado.

#### CONFERÊNCIAS

#### As mulheres no teatro grego

No próximo sábado 15, às 17.30 horas, realiza o sr. dr. Júlio Dantas no Salão de São Carlos, sede da S. E. P., uma conferência sobre «As mulheres no teatro grego».

Os bilhetes de admissão que restam, podem ser pedidos na Livraria Ailland, rua Garrett.

#### "Organização científica do trabalho"

O sr. dr. João Camoeses realiza hoje, pelas 21 horas, na secção da Universidade Popular Portuguesa que funciona no Sindicato do Pessoal dos Arsenaisistas do Exército, Campo de Santa Clara, 87, 1.º, a 3.ª conferência da série «Organização Científica do Trabalho». A lição de hoje é subordinada ao tema, «Taylorismo», sendo acompanhada de projecções luminosas.

#### "Questões morais e sociais na literatura"

Na secção da mesma Universidade instalada na sede da delegação dos sindicatos metalúrgico e da construção civil do Alto do Pina, rua Barão de Sabrosa, 91, 1.º, efectua hoje o sr. dr. Câmara Reis, pelas 21 horas, mais uma conferência sob o tema «Questões morais e sociais na literatura».

O illustre conferente lerá e comentará a «Carta ao Garcia». A entrada é franca.

#### "A indústria do ferro"

O sr. Ferreira de Simas faz amanhã à noite, no Sindicato Metalúrgico, a 2.ª conferência da sua série «A indústria do ferro».

#### "O ensino da geografia na escola primária"

A convite do Núcleo Escolar de Lisboa, realiza hoje, às 21.30 horas, na Sociedade de Geografia, a sua conferência subordinada ao tema «O ensino da geografia na escola primária», o sr. dr. Santa Rita

## SOLIDARIEDADE

Pró-presos por questões sociais

A Comissão Executiva da Juventude Sindicalista, Secção de Belém, de acordo com o Comité Pró-Presos por questões sociais, realiza no próximo dia 14, no Cinema Belém, uma grandiosa festa de solidariedade em auxílio dos presos e famílias dos deportados por questões sociais, com o seguinte programa:

Um «filme» de aventuras de Ricardo e um grandioso acto de «Variedades» desempenhado pelos ex.ºs srs. Emílio Cunha e Leonel Salseta. No final haverá um esplêndido Concílio poético por vários cultivadores da Canção Nacional.

Esta festa terá duas sessões, a 1.ª às 20 horas, e a 2.ª às 22 horas.

Pelo Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, foi entregue ao Comité pró-presos a quantia de 55820, importância da que tirada no Salão de Festas da Construção Civil em 9 do mês corrente.

Comunica-nos o operário José Rodrigues Aparício que lhe foi entregue pela Secção Profissional de Pedreiros, do S. U. da Construção Civil, a quantia de 11950, produto de uma quete aberta na sede sindical.

## VIDA SINDICAL

#### C. G. T.

#### Secção de Federações

Para assuntos importantes e inadiáveis são convidados todos os delegados a esta secção, hoje, pelas 21 horas préfixas.

#### Conselho Confederal

Reúne na próxima sexta-feira, 14 do corrente, pelas 21 horas, o Conselho Confederal, para continuação dos trabalhos da reunião transacta.

**Câmara Sindical do Trabalho**  
DE LISBOA

#### Junta Sindical da Zona de Alfama

Reuniu em sessão magna no passado dia 10 do corrente esta Junta para a sua organização definitiva, com a seguinte ordem de trabalhos: nomeação da comissão executiva, que ficou assim constituída: Secretário relator, Augusto José Afonso; secretário adjunto, Acácio Ferreira; secretário administrativo, António Salvação Reis; tesoureiro, Ernesto Lopes; vogal, António Ferreira.

Delegados à Câmara Sindical do Trabalho: António Salvação Reis e Ernesto Lopes.

Falaram diversos oradores sendo por fim aprovados por unanimidade vários documentos de saúdação à C. G. T., C. S. T., A. I. T. e *Batalha*.

Resolveram os operários desta zona, reunidos em sessão magna, saúdar os trabalhadores ingleses em luta contra o patronato.

Reúne hoje, pelas 20 horas a comissão executiva para tomar posse.

#### COMUNICAÇÕES

S. U. da Construção Civil.—*Secção dos Estudadores*.—São avisados os operários que trabalham em Sintra de que não foi possível esclarecer o caso que os interessa.

Pintores de Construção Naval e Anexos.—A direcção pede aos associados que estão em atraso de cotas que as satisfazam no prazo de 30 dias, para evitarem serem eliminados de sócios.

Bóia de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil.—Não reuniu ontem o conselho de delegados deste organismo, por falta de delegados.

Operários Alfaiates.—Em reunião da direcção resolveu-se que fosse comemorado o 35.º aniversário deste sindicato, no dia 6 de junho próximo. Apreciei a forma de praticar vários trabalhos, com o fim de interessar a classe no seu sindicato. Também apreciei o relatório do delegado que, por intermédio da C. G. T., foi ao Algarve com uma missão que dizia respeito à organização da Federação da Indústria do Vestuário.

Pessoal do Município.—Reuniu-se a Caixa de Solidariedade, que se ocupou de assuntos de carácter interno e deliberou promover o aumento da cota.

Federação da Indústria de Conservas.—Reuniu no dia 7 o Conselho Federal para tratar entre outros assuntos, da greve do pessoal soldador de Arrentela, Seixal e Almada.

O secretário geral comunica ter recebido um telegrama do Sindicato de Almada informando a existência da greve devido a baixa de salários e pedindo delegado da Federação.

Acrescenta ter assistido a uma reunião em que, depois de alguns grevistas terem verberado acicamente a atitude dos industriais, usou da palavra para louvar, em primeiro lugar, a forma activa como resolveram repudiar a baixa de salários e, simultaneamente, para informar sobre o auxílio que a Federação poderá prestar-lhes.

Depois das explicações que forneceu ao Conselho, referiu-se à crise de trabalho que há meses atravessam os operários da indústria em todo o país, situação esta que não permitia um auxílio material em harmonia com as necessidades dos grevistas de que, de idêntico modo, têm sido vítimas da falta de trabalho. Apela, porém, para que se adoptem resoluções tendentes a que seja prestado o máximo auxílio aos camaradas em luta.

Outros delegados usaram da palavra, sendo unânimes em reconhecer que a situação precária a que a falta de trabalho conduziu os operários desta indústria, não lhes permite prestar o auxílio material tão completo quanto seria seu desejo. Mesmo assim tomou-se a deliberação de prestar todo o auxílio que as circunstâncias permitirem.

Resolveu-se também dirigir uma saúdação aos camaradas grevistas ingleses. Ficou marcada reunião do Conselho Federal para um dos primeiros dias da próxima semana.

Manufactureiros de Calçado.—Reuniu-se ontem a comissão de propaganda e defesa da tabela, que entre outros assuntos deliberou desenvolver uma acção intensa no sentido de interessar a classe em todos os bairros da cidade na sua organização e defesa da tabela.

Para conseguir esse desiderato offiuiu às secções sindicais do Alto do Pina, Belém, Poço do Bispo, Junta Sindical de Alfama e outros organismos com sede distante do centro da cidade, pedindo-lhes a cedência das suas salas para a realização de sessões.

#### CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

S. U. Metalúrgico.—A comissão de melhoramentos, pelas 20 e meia horas, para assuntos de grande importância.

S. U. da Construção Civil.—*Secção do Alto do Pina*.—Para tratar de assuntos urgentes, pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Conselho Técnico.—Pelas 21 horas, o conselho de delegados.

Comissão Escolar.—A's 21 horas, a Comissão Escolar.

Secção dos Estudadores.—A comissão revisora de contas, às 20 horas.

Comité da Sede.—Pelas 20 horas, os novos e antigos delegados, que ontem não se reuniram por falta de número.

S. U. Mobiliário.—Pelas 20 e meia horas, a comissão administrativa com a presença das camaradas nomeadas na última assembleia geral para tomarem posse, bem como para dar andamento aos trabalhos apreciados na assembleia geral.

Comité da Sede.—Pelas 20.30 horas. Manipuladores de Pão.—Pelas 19 horas, a comissão administrativa para se ocupar de assuntos de alta importância e de resolução inadiável.

DIAS PROXIMOS:  
Vendedores de Jornais.—Reúnem sexta-feira, 14, a direcção cessante, a nova direcção, conselho fiscal, conselho técnico, delegados à Câmara Sindical do Trabalho e Federação do Livro e do Jornal, pelas 17 horas.

Pessoal do Município.—Amanhã, às 21 horas, guardas, pessoal de jardins e de higiene.

#### JUVENTUDES SINDICALISTAS